

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Notícias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

Uma grande figura literária que desaparece

Morreu o genial escritor Raúl Brandão!

Raul Brandão, o novelista, e Eugénio de Castro, o poeta, tão diferentes e tão distantes, ocupam hoje os dois lugares mais eminentes da literatura portuguesa. A obra de Eugénio de Castro é serena e bela como os mármore de Atenas. A de Raul Brandão mais convulsa e abstrata. As figuras dos romances deste grande escritor são irreais, simbólicas. Ao abrimos um dos seus livros, dir-se-ia mergulharmos num mundo de fantasmas. Das suas páginas desprende-se uma vida espectral, de sonho. E, no entanto, algumas das suas personagens palpitam de vida interior. Todos nós as conhecemos. Acotovelamo-las na rua. Qual de nós não encontrou ainda no seu caminho a Candidinha, de falas mansas e coração cheio do odio que as humilhações e despresos, gota a gota lá verteram? E o pobre K. Maurício? E o Gabiru? E o coveiro, cuja crosta de inveterado cinismo se rompe, deixando escapar em cataratas, a dor e a revolta, quando a morte na sua ronda cega, insensível, vem bater á sua porta para levar-lhe a filha? E a mulher a dias, misero farrapo de humildade e sacrifício, que passa na vida sem a noção de que a vida lhe pertence a ela também? E os seus ladrões e prostitutas, que são apenas alma?

Dir-se-ia que Raul Brandão, como Prometeu, roubou aos Deuses o fogo com que havia de acender em estrélas a miséria daquele humano barro envilecido. Devia ser interessante descobrir o processo usado pelo escritor para dar ás suas criações aquela forma assim impalpável e viva; ouvi-lo sobre os homens, literatos e artistas do seu tempo. O que pensaria dos novos o Mestre genial do *Humus* e dos *Pescadores*? Que prosadores e poetas mereceriam a honra da sua preferência? E recordamos da admiração reverente com que Aquilino Ribeiro lhe fala. Mestre—diz Aquilino ao dirigir-se ao grande novelista da *Historia de um Palhaço*. Assim dita a palavra Mestre enobrece Raul Brandão e o magnifico prosador da *Via Sinuosa*.

Como trabalha o escritor

Pedimos-lhe uma entrevista nesse sentido: mas Raul Brandão interrompe-nos surpreendido e rapido:

—Eu falar-lhe dos novos, de prosadores, de artistas... Você está doido! Sei lá alguma coisa disso...

Aguardámos, sorrindo, que a maré passasse e foi o proprio Raul Brandão que, amavelmente, se nos dirigiu:

—Porque não vem você passar oito dias comigo e minha mulher á nossa casa do Norte? Ali ver-me-ha trabalhar e poderá escrever alguma coisa interessante. Não quer vir? Porque?

—Não... Não posso agora sair de Lisboa.

—Pois é pena. Olhe, então, se

Américo Durão que conviveu com Raúl Brandão e que foi amigo do genial escritor do «Humus» e dos «Pobres» quiz distinguir a «Velha Guarda» com uma entrevista que há precisamente um ano realizou com o grande democrata.

Melhor do que algumas rápidas palavras, escritas na pressa de enviar o jornal para a tipografia, a publicação dessa entrevista representa a nossa homenagem pelo escritor e pelo homem que, pelo seu casamento e pelas suas longas estadas na sua casa de Nespereira, era quasi um filho de Guimarães.

Transcrevemos a entrevista.

quizer, apareça numa destas tardes lá por casa. Sabe onde moro? Ali, a S. Domingos, á Lapa...

Ficou combinado. Iriamos a sua casa.

E no ultimo domingo, ás onze e meia batiamos-lhe á porta. Foi o proprio escritor quem veio abrir, sorridente:

—Você é implacavel, ó Américo Durão. Então o que quer? Diga lá o que quer de mim?

—Já que não deseja referir-se aos outros, fale-nos de si, explique-nos a sua maneira de trabalhar.

—Mas, eu tenho lá maneira de trabalhar! Você tem cada pergunta...

Exalta-se novamente, o seu olhar de um azul nevoento acende-se, purifica-se, torna-se limpo e luminoso. Dá duas voltas rápidas na casa, ri como uma criança. Mas é evidente que tem um grande desejo de atender o nosso pedido. Depressa se acalma, e explica-nos:

—Oiga. Se me ocorre o esboço duma figura, uma observação, um detalhe, tomo um apontamento, uma nota... Depois, aguardo o momento oportuno, e quando ele chega, minha mulher senta-se á essa secretária e escreve o que eu, a passear dum lado para o outro, vou compondo e lhe digo. Aqui tem... Agora o meu processo de trabalho... Eu sei lá! Essas coisas vêm-me á cabeça e ás vezes sucede não ficarem mal...

Diz isto numa grande simplicidade, como que envergonhado de falar de si, nervosamente, com os olhos acesos e um riso, alto, infantil, que contrasta singularmente com a sua elevada estatura e com os seus cabelos brancos.

Abre uma gaveta da secretária e mostra-nos um grande rôlo desordenado de folhas de papel, cobertos de uma caligrafia fina e veloz:

—Vê... E' o manuscrito das minhas *Memórias*, o 3.º volume. Foi minha mulher quem escreveu tudo isto.

O que haverá ali, naquele rôlo de papeis á volta dos quais, conhecida a sinceridade e a irreverencia do escritor, se agitam já tantas curiosidades e receios?

Hesitamos em perguntar-lho e não nos atrevendo a fazê-lo, damos um novo rumo á entrevista:

—Que idade tinha o senhor Raul Brandão quando começou a escrever?

—A dizer-lhe a verdade, já me

não lembro. E depois, que interesse pode isso ter para os seus leitores? Foi na *Revista de Hoje*, onde colaboravam Antonio Nobre, Alberto de Oliveira e Junqueiro, que saíram as minhas primeiras coisas... Eu acompanhava, então, muito, com Alberto de Oliveira e Nobre...

Raul Brandão não está dando uma entrevista. Conversa connosco, animado, passeando, dum lado para o outro, como se estivesse ditando a sua mulher.

O primeiro livro

—O meu primeiro livro *Impressões e Paisagens* publiquei-o no Porto... Eu lhe digo, espere... Foi em 1890. Seguiu-se-lhe a *Historia dum Palhaço*, em 1896, editado pela Parceria Antonio Maria Pereira.

Estive quasi a dizer-lhe que ainda ha uma duzia de anos comprei naquela livraria um exemplar novo da primeira edição da *Historia dum Palhaço*, por meia duzia de tostões. Mas considerando a tempo, calei-me. Raul Brandão voltara a falar-nos de Antonio Nobre. Dos passeios que davam juntos pela Foz, por Leça, até á Boa Nova. Pelo milagre da sua palavra evocadora eu sentia entre nós a presença do poeta.

Subitamente, o cronista do *El-rei Junot* sorriu a uma lembrança e, surpreendendo uma interrogação no nosso olhar, prosseguiu em voz alta:

—Estou a lembrar-me dum artigo que publiquei sobre Camilo e Eça. Terminava por dizer que se Camilo se suicidara com um tiro, Eça, em igualdade de circunstancias, se envenenaria. Eça de Queiroz leu o meu artigo e, achando graça, pediu a um amigo para lhe indicar quem eu era, quando passassem por mim. Efectivamente, uma tarde, embora eu simulasse não dar por isso, senti o olhar de Eça seguir-me com curiosidade e interesse.

—O Mestre trabalhou nos jornais durante algum tempo, não é verdade?

—Sim, durante muitos anos. Foi na *Republica Portuguesa*, de João Chagas, que eu iniciei a minha vida jornalística. Vencido o movimento revolucionário de 31 de Janeiro, João Chagas foi deportado e o jornal terminou. Depois, em Lisboa, antes de me aceitarem num jornal foi uma tragédia. Ima-

gina lá... Não acreditavam que eu servisse para jornalista. De tal modo que a principio tive de trabalhar de graça; mas, por fim, já era solicitado e me pagavam bem.

—Em que jornais trabalhou o senhor Raul Brandão?

—Aqui, em Lisboa, estive no *Correio da Manhã*, de Manuel Pinho Chagas, e no *Dia*. Mais tarde, fui dono do *Imparcial*, que António José de Almeida me comprou para fazer a *A Republica*, onde também colaborei. E agora, ainda, ás vezes, escrevo na *Seara Nova*, que já dirigi.

—Que escritores impressionaram mais profundamente o seu espirito?

—Dos portugueses, Camilo.

—Fale dum maneira geral...

—Os russos interessaram-me muito, destacando entre estes Dostoiévsky. Mas os que sempre mais atraíram o meu interesse e a minha curiosidade foram os escritores de memórias. Principalmente Saint Simon, Casanova, Benvenuto Cellini, e, acima de todos, o Cardinal de Metz. Mas quem deixou um traço mais profundo na minha existência e na minha alma, não foram os escritores; tem sido minha mulher, e foi minha mãe e uma velha criada, a Maria Emília...

—No prefacio do 2.º volume das *Memórias* já eu disse o grande lugar que minha mulher ocupa na minha vida. De minha mãe... e, Raul Brandão, acedendo a um pedido nosso, ditou-nos esta linda página de ternura, do seu volume inedito de *Memórias*:

Uma evocação

—«Algumas sombras têm acompanhado a minha vida e estão aqui, a meu lado.

Minha mãe, só nervos e paixão, viu cair por terra todos os seus sonhos e teimou em sonhar, atrevendo-se contra todo o universo. A realidade afastou-a sempre de si. Venceu-a. Alimentou-se do mesmo sonho que a devorou até final, sem medo da morte, como se a morte fôsse a continuação natural da vida.

Dela herdei a sensibilidade e também o sonho.

Bastava que a bica do quintal deitasse menos para minha mãe adoecer. Ficava horas a olhar extasiada o pouco de musgo humedecido, donde escorria, vindo da escuridão, o fio azul infatigável

que caía em baixo, desfeito em milhares de gotas líquidas, que logo subiam a superfície reluzindo iluminadas.

A's vezes iamos vê-la brotar no fundo da mina e assistíamos, ansiosos, ao nascer da água borbulhando na madre e escorrendo pela calena de pedra. Quando, mais tarde, minei o monte fi-lo com a mesma ansiedade.

De verão, ao levantar-se muito cedo, o primeiro olhar de minha mãe era para a fonte, que se ia reduzindo desde o jorro de inverno que transborda, ao fio de Setembro, deitado com aflicção.

—Se secasse!...

De noite punha o ouvido á escuta, como acontece ainda hoje, a mim. No silêncio profundo aquela voz extraordinária de pureza. Nenhuma outra me fala da mesma maneira, nem a das folhas, nem a do vento—nenhuma outra me fala tão baixinho e com tanto encanto. A's vezes muda de tom, ás vezes, e, por momentos, emudece.

—Secou!—E lá torna a correr.

Plantou árvores até aos ultimos dias como eu as planto. E já prostrada, mantinha de pé a ilusão e teimava em sonhar, como eu sonho, até final.

A's vezes, tendo corrido o quintal numa exaltação, corria para ela e desatava aos soluços com a cabeça no seu colo. Minha mãe não me dizia palavra, nem sequer me estranhava porque via em mim reproduzida a sua sensibilidade exagerada—só me pousava a mão na cabeça, e áquele contacto ia serenando e chorando cada vez mais baixinho. A lua aparecia atrás dos montes sobre a mais bela paisagem do mundo, porque a paisagem mais bela é aquela em que fomos criados e que faz parte da nossa substancia.

O meu sonho está preso por um fio tenue indestrutível ao fundo do seu sepulcro. Talvez porque o amor nunca mais se apaga, talvez porque a luz seja a única realidade do mundo, o que é certo é que eu e ela olhamos ainda hoje um para o outro com a mesma ansiedade. Porque será que todas as outras sombras vejo distintamente e minha mãe não? Minha mãe é um fantasma de saudade, lá está todas as noites, ao pé da bica. Não a separo daquele fio que a lua toca por momentos com o dedo molhado em branco, e que nasce para apagar a sede de todos com indiferença, mas que só fala com encanto áqueles que a sabem amar.»

Depois, enternecidamente, ergueu diante de nós a figura da velha criada. São ainda para o mesmo livro os seguintes períodos, que nos ditou:

—«A Maria Emília foi até morrer nossa criada. Estou a vê-la, de bigode branco e olhos expertos, dum azul já desbotado pela velhice, mas teimando em exprimir ternura até á morte. Vejo-lhe a boca desdentada, a sorrir, e sinto nas minhas mãos o calor das suas mãos e o dedo grosso e enorme a

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Delegação em Fafe — Monumento aos Mortos

Pela presidência da Direcção da Sub-Agência desta cidade, já foram dados os necessários elementos para a organização duma delegação em Fafe da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, cuja área de acção poderá estender-se aos concelhos de Cabeceiras, Celorico e Mondim de Basto.

Foi encarregado desta organização o nosso querido correligionário e presado amigo, Tenente Gervasio Martins Campos de Carvalho, official brioso e combatente da Grande Guerra, na costa oriental de Africa, que, pelos seus dotes de intelligencia e qualidades de trabalho, trará para a liga valiosa cooperação e grandes prosperidades para a sub-Agência desta cidade.

As nosas saudações e os melhores votos à nova Agremiação.

* * *

Sabemos de fonte segura que a Câmara da risonha vila de Fafe pediu à Comissão Executiva dos Padrões da Grande Guerra o projecto dum padrão a erguer para memória dos mortos em Campanha e naturais daquelle concelho.

Contrastando esta attitude com a da Câmara de Guimarães, que somos forçados a pensar?!

Que o civismo é coisa morta a dentro dos muros desta cidade, e que jamais se verá saldada a dívida para com aqueles que, pela Pátria e República, morreram nos campos da Batalha.

Compárem-se as deliberações das Câmaras das terras vizinhas, e sem os recursos da nossa, digam-nos depois se isto é ou não uma vergonha!

* * *

No próximo dia 9 de Abril será inaugurado solenemente o estandarte da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, ultimamente recebido da Direcção Geral.

Nessa mesma ocasião será feita a aposição da Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao dito estandarte, esperando-se que este acto se revista duma imponencia desusada.

que me apegava quando ia para a mestra. Doente duma perna, sempre a conheci a mancar, atravessando a vida a mancar e a sorrir. Porque essa é a expressão mais íntima e mais bela da alma — a alegria na desgraça.

Os sessenta anos para o talento e para a alma de Raul Brandão são a plena mocidade. Perguntamos-lhe:

Além do 3.º volume das *Memórias*, que outras obras prepara ainda o Mestre?

—Tenho no prelo um livro para crianças, feito de colaboração com minha mulher—*Portugal Pequeno*, de Raul Brandão e Maria Angelina... E na próxima primavera conto publicar uma novela—*Pobre de pedir*.

Alegremo-nos. A nossa literatura, actualmente tão desolada e anémica, vai enriquecer-se com um livro de valor.

E quantas obras belas e audazes não podemos ainda esperar dos seus cabelos brancos e da sua mocidade...

Americo Durão

Lêde e propagai

"A Velha Guarda,"

Ainda a propósito da caridade da S.ª Casa

Causou certa sensação o artigo publicado em o nosso último número sobre o envenenamento duma criança pelo creosote e da attitude deshumana, réles e indigna d'algum da Santa Casa da Misericórdia que, talvez por uma questão de disciplina (1), não hospitalizou a referida criança sem um *cartãozinho* dum senhor doutor.

Causou certa sensação, diziamos, e tamanho foi o brado que pudemos avaliar do interesse do público em procurar o nosso jornal, ouvir os mais acicatados comentários e presenciar os mais violentos protestos.

Clamava-se, invectivava-se e propunham-se soluções que melhores resultados dariam a uma instituição de caridade, desde que o problema fosse estudado com aquilatada consciencia e não resolvido por parvos e desmiolados que só veem comprometendo a função daquela benemérita casa.

Sentimo-nos orgulhosos em saber que a população da cidade, **mas numa maioria esmagadora**, se encontrava a nosso lado, consciente das amargas censuras verberadas e exprobadas sobre os mesários da nossa primeira instituição de caridade, revoltada, como nós, contra o miserimo privilégio de admissão de doentes naquelle hospital!

¿ E porque não ?

¿ Pois, se ali só é hospitalizada *persona grata* de S. Excelencias ?!

¿ Pois, se não se arranhou verba que sustentase um médico permanentemente, para evitar andar a mendigar de porta em porta o socorro ?!

¿ Pois, se se exige ao necessitado a quantia relativa ao tratamento para que cama lhe seja fornecida ?!

¿ Pois, se os portais só se abrem mediante a *cunha*—ó vergonha das vergonhas!—e se se esquece que a instituição de caridade tem o privilégio de discutir em papel branco, livre dos pesados encargos do selo ?!

¿ Pois, se pelo facto de haver um doente desenganado, é negada a água a quem tem sede ?!

¿ Pois, se la dentro são totalmente desprezados os preceitos cristãos para com aqueles que mais necessitam de carinhos e cuidados ?!

¿ Como não valem os protestos e as censuras ?!

A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, disse-mo-lo e hoje repeti-lo-hemos, é um feudo de meia dúzia de fidalgotes e de monárquicos para quem a caridade é coisa de somenos e o humanismo é princípio desprezível.

Vive de *superavits* inteiramente tolos e rege-se pela

DOIS GALOS...

Embora não vivam em comum, isto é, na mesma capoeira, travaram luta rija dois galos cá do burgo, e não há meio de se entenderem. Qual dêles o mais teimoso, não cedem ás iras um do outro, tal é o desejo de ambos saírem vitoriosos da contenda.

E' um espectáculo deveras interessante, e a população vimaranense aguarda com grande ansiedade o resultado da batalha, não se sabendo ainda qual dos dois famosos *galináceos* será o triunfante.

Depenicando-se e encrespando-se arrogantemente, os dois belicosos animais mantêm a mesma attitude com a qual iniciaram a questão, procurando, quer um, quer outro, insinuar-se na simpatia dos espectadores.

A luta, que está a assumir um aspecto de vivo interesse, no nosso meio, tem-se travado sem o *troar* do tiroteio, mas de vez em quando surgem-nos os ecos dos *coórócos* dos interessantes contendedores, chamando para êles a curiosidade da opinião pública.

Os motivos da questão, aliás bem conhecidos, são provenientes da esperteza de um e da ingenuidade de outro.

Veremos qual dos dois ha-de cantar o hino da vitória.

Até vêr, vamos assistindo ao desenrolar dos acontecimentos, e depois faremos, com a devida imparcialidade, a sua história.

santa doutrina do *snobismo* e do inverosímil.

E' uma conezia de vaidades, que só salpica de lama os parvos e desmiolados que, por infelicidade nossa vegetam nesta terra de beócios, e que nenhum acêrto põem nas suas maneiras ou verborreia sandia.

Disparates sobre disparates — eis o dilema dos magnates da caridade, do sentimentalismo e dos princípios cristãos!

¿ Mas, preguntamos nós, quando se verão abertas aquellas portas, ainda que seja para socorrer um faminto que implore um pedaço de pão ?

Desta maneira, a instituição começaria a impôr-se e não se veria na contingencia de ser reprovada por inútil e por desviada da sua função.

Aos snrs. capitalistas

Vendem-se três quintas com as respectivas sortes de mato, água e servidão, na freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, concelho de Guimarães. Quem pretender, dirija-se ao snr. Rodrigo de Menezes, Casa do Carvalhal — Venda do Campo — Penafiel.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Os sem ideal

Dentro do título que nos serve de epigrafe, estão todos aquêles que querem qualquer uma forma de Governo—Monarquia ou República— apenas para cothorem. São os tais monárquicos *infiltradores*, aos quais nos temos referido, os legítimos *políticos*, que estão com tudo e com todos, muito principalmente quando encontram uma *entreubêrta* por onde possam entrar.

Uma vez que lhes apareça ocasião oportuna, ei-los a banquetear-se à mesa do orçamento do regime republicano, embaralhando e dando as cartas, embora sem terem ainda a *partida* ganha...

Ontem, monárquicos; hoje, republicanos; amanhã novamente monárquicos, e assim sucessivamente, até chegarem a ser tudo quanto esteja na medida da sua ganância devoradora.

E porque ser TUDO, em matéria política, é não ter convicções, é não ter ideal, eis o motivo porque são êstes "Os sem ideal"—que sómente têm a preocupação de tratarem dos interesses do estômago—comer à farta!

Não querendo saber de meios nem de extremos e fazendo da lógica uma batata, eis a força de que são os honrados *infiltradores*. Assim tem sucedido em várias *modalidades* da politica, nas quais aquêles *lubarões* têm aparecido, aos cardumes, em volta dos Cofres do Estado.

Não haja ideal, mas haja alegria e dinheiro, e o pregão *surdo* dêstes individuos, cujos escrúpulos deixam ficar em casa, encerrados em cofre próprio, feito com papel de chupar...

Podemos, nós, os republicanos, contemporisar com êstes chupistas? Não, não e não! Além de que quem não é por nós é contra nós, não podemos transigir com semelhante pleiade.

Assim o exige o sagrado prestígio da Pátria e da República.

Curso de explicações

para o ensino secundário e comercial

DIURNO E NOTURNO

Falar na Procuradoria do Dr. João de Oliveira Bastos & Gomes Alves, á rua da República n.º 85.

Cão Coelho

Perdeu-se no logar de Brense, Abação, e Parede, freguesia de Pinheiro, um cão de coelho, de cor amarelo claro, calçado de branco, gravata branca e focinho branco, pelo comprido, tem um ano de idade e dá pelo nome de "Pandilha"

A todo o tempo se procederá contra quem o retiver.

EDITAL

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal do concelho de Guimarães

TORNA PUBLICO:

Que em harmonia com o disposto no artigo 35 da Lei n.º 621 de 23 de Junho de 1916, se acham patentes ao publico, durante oito dias, na secretaria da Câmara Municipal, em todos os dias uteis, ás horas regulamentares, as contas da gerencia Municipal, respeitantes ao ano económico de 1929-1930.

Guimarães, Secretaria da Câmara Municipal, 2 de Dezembro de 1930. E eu, Americo de Oliveira Durão, Chefe da Secretaria da Camara, o subscrevi.

O Presidente,

António Coelho da Mota Prego.

Assinaí 'A Velha Guarda'

Assoc. de Socorros Mutuos Artística Vimaranense

Reunião Extraord. da Assembleia Geral

CÓNVITE

Por ordem do Snr. Presidente da Assembleia Geral, convido os sócios desta colectividade a reunirem-se no Salão Nobre desta Associação, no próximo dia 11 de Dezembro, pelas 21 horas, a fim de se proceder à eleição dos corpos gerentes para 1931.

Se não comparecer número legal de sócios, fica desde já feita nova convocação para o dia 14 do mesmo mês, pelas 9 horas, funcionando então com qualquer número de sócios e á hora indicada.

Guimarães, 25 de Novembro de 1930.

O 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral,

FERNANDO RAMOS.

* * *

AVISO

O recenseamento encontra-se á disposição de todos os sócios, na secretaria da Associação, para ser consultado, todos os dias úteis, das 20 ás 21 horas, até ao dia 10 de Dezembro.

Não podem tomar parte nesta Assembleia Geral os sócios que não tenham pago integralmente as suas jóias e os que não estejam em dia com a sua cotização, como determina a linha F do Art.º 10.º dos Estatutos: «O que deixar de pagar a importância de três cótas mensais.»

São, portanto, avisados todos os sócios de que têm de regularizar a sua situação até ao dia 10 de Dezembro, «sendo, depois dessa data, os livros fechados, até que passe o acto eleitoral.

Guimarães, 25 de Novembro de 1930,

A DIRECÇÃO.

Assinaí «A Velha Guarda»